



Revista Transdisciplinar

Uma oportunidade para o Livre Pensar

Vol. 14 - Ano 7 - Nº 14 – Julho/2019
<http://revistatransdisciplinar.com.br/>

ISSN 2317-8612
www.artezen.org

2 – DESAFIOS DA PSICOTERAPIA TRANSPESSOAL Tessituras entre o científico e o espiritual

Joana Miranda*

RELAÇÕES ENTRE ESPIRITUAL E CIENTÍFICO

A grande questão inicial deste texto é a dos desafios que se colocam à compreensão do espiritual no âmbito da abordagem da psicologia e da psicoterapia transpessoal. Como pode o discurso científico analisar as dimensões da espiritualidade? Como pode a abordagem científica cruzar-se com a vivência espiritual do cientista social? Como podem ambas as abordagens ser simultaneamente honradas?

Hartelius, Rothe & Roy (2015: 3) consideram precisamente que a perspectiva transpessoal procura uma visão nova em que a ciência humana e a espiritualidade humana possam ser honradas (Hartelius, Rothe & Roy, 2015: 3). Mas a grande dificuldade é que muitas das questões da espiritualidade dificilmente são compreendidas de acordo com os cânones da ciência psicológica. Ao serem analisadas poderão expandir a própria delimitação da ciência tal como ela tem sido compreendida até aqui. A grande dificuldade encontrada ao escrever este texto é encontrar a palavra certa, justa, adequada, que honre a ciência mas que honre a espiritualidade que dificilmente pode ser traduzida na linguagem científica tal como é compreendida no paradigma vigente. Poderá

ser ele entendido como uma tentativa de dar voz ao que um psicoterapeuta com formação científica e vivência espiritual poderá experienciar e ter dificuldade em comunicar.

Alguns dirão que este é um texto pouco científico e que mais afastará a psicologia transpessoal da ciência depois de tantos esforços para ser aceite enquanto ciência e reconhecida enquanto tal. É provável que assim seja. Com todo o imenso respeito e admiração pela ciência e pelos benefícios que tem trazido ao homem não reconheço sentido de uma dicotomia entre ciência e espiritualidade. Se a ciência que estuda o ser humano negar essa dimensão, essa dimensão que integra o artífice da ciência, o cientista, o homem, essa identidade em si a partir da qual, com maior ou menor consciência faz ciência, algo estará errado. Como pode a ciência psicológica cujo objeto de estudo, de acordo com dicionários, é o estudo da alma humana não ter em conta o conceito de alma e este debate em torno do espiritual?

Como poderemos, então, entender o homem? Como um ser racional, cognitivo, que funciona com base em estímulos e respostas, como o doente sem remissão para

* **Joana Miranda** (Universidade Aberta/ CEF - Centre for Functional Ecology. Science for People & the Planet, Portugal) - Doutorada em Psicologia Social (Universidade Aberta, Lisboa), Mestre em Relações Interculturais (Universidade Aberta, Lisboa) e Licenciada em Psicologia (Faculdade de Psicologia da Universidade de Lisboa). É professora na Universidade Aberta e membro integrado do Centre for Functional Ecology. Science for People & the Planet (Universidade de Coimbra). Exerce atividade clínica como terapeuta transpessoal na Clínica Almasoma, é membro da Alubrat, foi membro da Direção da Federação Portuguesa de Psicoterapia, tendo formação na área da psicoterapia transpessoal. www.joanamiranda.net

sempre prisioneiro das categorias de diagnóstico da doença mental, como o ser primário preso na sua sexualidade e instintos, como um ser isolado do cosmos, na sua viagem individual e separada de tudo e de todos?

Diariamente, ao longo dos últimos anos, tenho contactado, em consultório, com um outro ser humano, multifacetado, misterioso, complexo, com todas as suas possibilidades de expansão da consciência e de auto-evolução. Talvez um dia o que experimento neste contexto possa ser traduzido em linguagem científica segundo os cânones atualmente reconhecidos pela ciência psicológica. Tenho muita dificuldade em fazê-lo. O que devo fazer com o que resulta da minha experiência em psicoterapia transpessoal e que não possa traduzir de forma científica? Devo silenciar ou devo publicar em publicações de outra natureza? Seria uma opção. No entanto, urge que a ciência saiba escutar e integrar estas experiências de quem se constituiu no seu âmbito. Será que existe uma verdadeira dicotomia entre ciência e espiritualidade? Ou será que essa dicotomia não é mais do que uma ilusão? Será que existem duas categorias de seres separados: homens da ciência e espiritualistas, que percebem e experimentam o mundo social de formas incompatíveis?

Em muitos homens da ciência a espiritualidade é determinante e mesmo inspiradora do seu trabalho de grande mérito e revolucionário em áreas diversas do saber. No fundo, não estaremos apenas a falar de conceitos? Os conceitos procuram traduzir a realidade das coisas mas muita dessa essência perde-se ao ser traduzida em palavras como as crianças que quando passam do desenhar para o falar, quando encontram os conceitos x e y perdem o contacto com a essência dessas coisas. Quando aprendemos a dizer “árvore” passamos a relacionarmo-nos com a árvore mais enquanto conceito, etiqueta verbal do que com a essência da árvore. Mas queremos continuar encantados, nós adultos, nós cientistas sociais.

Um paradigma é, segundo Kuhn, uma constelação de crenças, valores e técnicas partilhados pelos membros da comunidade num determinado período histórico. O paradigma governa o pensamento e as atividades de investigação dos cientistas até

que as suas assumpções de base sejam seriamente questionadas por novas observações (Grof, 2015: 91). E as novas observações são cada vez mais e mais difíceis de ignorar, nomeadamente sobre capacidades não conhecidas dos seres humanos, o denominado parapsiquismo (o que está para além das capacidades psíquicas descritas e totalmente compreensíveis). Capacidades telepáticas, experiências humanas excepcionais de diferente natureza e as denominadas experiências humanas excepcionais. Estas experiências consistem em experiências místicas, psíquicas, de encontro, experiências inusuais relacionadas com a morte, desempenhos humanos excepcionais, experiências de cura, experiências de desolação/nadir e experiências dissociativas (Palmer & Hastings, 2015: 334). Estas experiências foram identificadas há algum tempo mas estamos hoje mais conscientes da sua existência e das formas como se podem expressar.

No início do século XX, William James (1902/1958) escreveu em profundidade sobre o que designou de “experiências religiosas”. Na década de 1960, no auge do movimento do potencial humano, Maslow (1964) escreveu acerca de experiências de pico e de como poderiam conduzir a uma vida mais atualizada. Grof (1973) descreveu experiências que designou de “experiências transpessoais” e que envolveriam expansão e extensão da consciência para além das habituais fronteiras do ego e das limitações do tempo e do espaço. Muitos foram os autores que têm escrito sobre estas experiências (White, 1993; Braud, 2003, entre tantos outros).

Ao longo da história da humanidade fomos assistindo a diversas mudanças de paradigma. O sistema geocêntrico ptolomaico foi substituído pelo sistema heliocêntrico de Copérnico, Kepler e Galileu e a hegemonia na física newtoniana substituída pela teoria da relatividade e pela física quântica. Como diz Grof (2015) estas mudanças causam perplexidade pois os paradigmas dominantes são confundidos com descrições adequadas e definitivas da realidade. Grof escreve que existe um grande problema na relação entre os fenómenos (as coisas tal como as percebemos) e *noumena* - as coisas como elas realmente são (*Dinge an sich*), questão que foi claramente articulada

por Immanuel Kant (1999). A questão mais misteriosa – como é que os processos físicos no cérebro geram consciência – parece incompreensível e não pode ser resolvida.

O QUE TRAZ DE NOVO A PSICOLOGIA TRANSPESSOAL SOBRE A PESSOA?

A psicologia humanista nasce na década de 1950 em resposta às abordagens dominantes, a comportamental e a psicanalítica e teve por base a crítica de que estas perspectivas detinham uma visão limitada e focada na doença da psique humana. Estas perspectivas, de acordo com Jourard (1966) e com Rogers (1963) não tinham em conta a saúde, o crescimento, o potencial humano, a empatia, o sentido interior, o propósito e a experiência.

A psicologia transpessoal tem procurado compreender a relação das pessoas com os valores, com as visões e com as experiências que as levam para além das fronteiras no sentido individual de *self* (Maslow, 1968, 1969).

Nos seus anos iniciais a psicologia transpessoal funcionou primeiramente como uma psicologia destes “farther reaches of human nature” (Maslow, 1969:1), compreendidos como estados de consciência, estádios de desenvolvimento, práticas e aspirações relacionadas com estados do *self* que estão para além do ego pessoal (Hartelius *et al.*, 2007). O construto de Friedman (1981, 1983), apesar de firmado na compreensão tradicional do campo é também importante para as definições que a enquadram como um empreendimento holístico e integrativo e como uma psicologia de transformação (Hartelius *et al.*, 2007).

A visão do ser humano do psicólogo transpessoal e/ou do psicoterapeuta transpessoal é provavelmente diferente da de colegas de outras linhas da psicologia e da psicoterapia.

O indivíduo não é visto como um ser humano isolado do cosmos. De facto, para Wilber (1979) a realidade divina estaria na origem de todos os seres e seria a base da consciência humana. Procurando também compreender o ser humano com as suas determinantes biológicas e de personalidade, a perspectiva transpessoal está interessada em compreender o que está para além da consciência, o que está escondido,

esquecido, dividido. Assim, trabalhando em estado alterado de consciência, em estado de transe, pode chegar-se a outros níveis de consciência. Ken Wilber na sua conceptualização da consciência refere as faixas transpessoais que se entrelaçam com os níveis anteriores e diríamos que mais elementares de consciência e abrem a possibilidade de encontrar um fio condutor da mesma, o tal cordão de prata (*sutratm* ou *antakarana*) de que falam os antigos.

Esta possibilidade de expansão tem um potencial de cura e heurístico (Grof, 2003) e a capacidade de adoptar uma experiência de significado, de propósito e de pertença ao mundo (Hartelius, Rothe & Roy, 2015). Como estes autores referem a psicologia da auto-expansão está interessada não só nestas experiências mas também nas suas capacidades transformativas. A psique não seria algo discreto funcionando de forma isolada com o corpo, com a comunidade e com o ambiente mas um aspecto local de um mundo interconectado (Hartelius, 2016), tendo este todo que ser integrado de forma a compreender cada uma das suas facetas.

Nesta perspectiva o transpessoal seria mais do que uma psicologia para ser uma orientação escolar multidisciplinar (Boucoulas, 1999), uma orientação que foi designada de estudos transpessoais (Wilber, 1995; Friedman, 2002).

Um psicoterapeuta transpessoal poderá sentir que esta possibilidade de autoexpansão para ser aberta tem que partir de uma determinação do coração expandido, em ressonância, em consonância total e alinhada com a fonte cósmica, com o divino, com o superior (independente de qualquer aproximação mais circunscrita de natureza religiosa).

É também natural que esteja aberto às sincronicidades. O conceito de sincronicidade foi inicialmente introduzido por Carl Jung, e traduz a ideia de que os eventos são coincidências com significado se ocorrem sem qualquer relação causal mas parecem estar relacionados em termos de significado.

O terapeuta ou o caminhante deste caminho espiritual poderá encontrar sentido em tudo o que sucede na sucessão dos dias e identifica sincronicidades múltiplas: um canto de um pássaro, uma brisa mais intensa, o sino de uma igreja, um abrir de asas, tudo são epifenómenos de um fenómeno maior que é o Uno.

Estas experiências transformativas que ocorrem fora e dentro do consultório aproximam-se do termo autoatualização (Maslow, 1943, 1958) que conduz os humanos ao seu potencial mais elevado (Vaughan, 1982). Tal como referem Hartelius, Rothe e Roy (2015: 10) este processo transformativo também evoca uma filosofia e uma cosmologia que vêem o mundo como um processo vivo evoluindo com um propósito para um fim com sentido (Neville, 2007), mesmo que esse fim não seja distinto do processo em si.

Em psicologia, ainda segundo os autores citados, este tipo de processo transformativo pode ser chamado individuação (Jung, 1939, 1969), psicossíntese (Assagioli, 1965), tendência formativa (Rogers, 1978, 1980), tendência de atualização (Rogers, 1963), autopoiesis (Maturana & Varela, 1980),¹ holotrópico (Grof, 1998; 2003), evolução da consciência (Combs, 1995; Wilber, 1979). Estes processos foram vistos ou como psicológicos ou como cosmológicos. Assim, o indivíduo, em todas estas concepções, é visto como um participante deste processo transformativo.

Esta perspectiva é bem diferente da filosofia ocidental pois considera que a realidade não é composta de coisas discretas mas antes de processos de mudança (Whitehead, 1979). Para Berry (1996) "the universe is a communion of subjects rather than a collection of objects". A mente e a natureza não estão separadas (Bateson, 1979) mas constituem diferentes facetas de processos interrelacionados e auto-organizados (Maturana & Varela, 1980; Whitehead, 1979), cada um implícito no outro (Gendlin, 1997).

Grof (2003) identificou estados holotrópicos, estados não ordinários de consciência que promovem a cura e a transformação pessoal. Estes estados holotrópicos foram comparados a estados espirituais e místicos conhecidos em várias

culturas e tradições espirituais.

Aurobindo (1990), Gebser (1972, 1949/1986) e Wilber perspectivaram o indivíduo e a sociedade como estando na confluência das forças evolutivas que os encaminham para um fim divino. Pela transformação da consciência a identidade do paciente é radicalmente reorganizada e fica sob a influência de forças maiores (Hartelius, Rothe & Roy, *ibidem*, 12). A progressão da organização dos padrões é invariante, o caminho espiritual evolutivo para um divino singular está claramente definida (Schuon, 1953/1984). O ego sai do campo dinâmico e chegando a um dado grau de integridade regressa a uma relação íntima com a fonte.

Wilber e Aurobindo vêem a transformação como um processo ascendente de evolução em que o desenvolvimento é cumulativo, outros como Grof e Washburn perspectivam a transformação como descendente, como regressando para recuperar aspectos do self perdidos em estádios iniciais do desenvolvimento (Daniels, 2005). Para todos eles os homens são agentes de desenvolvimento num mundo em evolução.

Para além de todas as técnicas que se podem aprender em transpessoal e de recursos terapêuticos, o terapeuta é necessariamente alguém em contacto com a sua espiritualidade, com essa dimensão em si. Os psicoterapeutas transpessoais em geral consideram que o que pode ser chamado de espiritualidade é uma parte importante da consciência e da identidade (Rodrigues & Friedman, 2015: 581). Walsh (2009: 2) descreveu a espiritualidade como "having a common definitional core, some experiential, notional, behavioral or intentional relationship with some transcendent reality, out of which arises meaning, solace or motivation for an individual".

O psicoterapeuta tem que fazer distinções entre estados mais baixos e mais elevados de consciência, estar preparado para regredir o paciente ao período perinatal, ao parto, a vários níveis e formas de consciência.

Os desafios são para a pessoa que é o psicoterapeuta. Ao induzir estados de transe ele próprio entra no processo, ao ajudar o paciente a encontrar sentido num mundo limitado por uma apreensão apenas cognitiva e racional das coisas, ele mesmo tem que ter encontrado algum sentido na existência e ter

¹ **Autopoiesis** ou **autopoiesis** (do grego *auto* "próprio", *poiesis* "criação") é um termo criado na década de 1970 pelos biólogos e filósofos chilenos Francisco Varela e Humberto Maturana para designar a capacidade dos seres vivos de se produzirem a si próprios. Segundo esta teoria, um ser vivo é um sistema autopoietico, caracterizado como uma rede fechada de produções moleculares (processos) no qual as moléculas produzidas vão criar através das suas interações a mesma rede de moléculas que as produziu. A partir da origem biológica, este termo passou a ser usado noutras áreas do saber.

entrado em contacto com o seu Eu superior, podendo tornar-se alguém mais sintonizado com esse Eu superior. Este Ser maior a que se chega mediante intenção, empenho, mediante as vias meditativa e contemplativa e ao qual o psicoterapeuta munido das melhores intenções e de uma energia de amor e de chama no coração quer ajudar o seu paciente a chegar. Fá-lo mediante cuidadoso caminho de acompanhamento e mentoriação, o que é uma tarefa árdua e que não é desígnio de todos os que pretendem lá chegar. Muitos são os obstáculos encontrados pelo caminho, pois numerosos desafios vão sendo colocados e nem todos os conseguem superar verdadeiramente. Os desafios são os inerentes ao próprio caminho espiritual e que estão descritos por vários autores (ver, por exemplo, Taylor, 2017). O caminho do terapeuta não é apenas (ou nem é mesmo essencialmente) um caminho de aperfeiçoamento profissional e técnico mas um caminho de autodescoberta espiritual e são, pois, dois os caminhos a ser trilhados em simultâneo, o seu consigo e o seu com o do paciente. Os dois interligam-se em pontos diversos da jornada constituindo um *puzzle* intrincado, pleno de nós, pontes, de interrogações e de surpresas que podem alterar toda a configuração mental e do espírito a qualquer momento do percurso.

A solidez de carácter e uma real motivação intrínseca e de natureza consistente, a persistência e o ensejo de descoberta da alma são características fundamentais neste percurso que não é simples e em que a tenacidade, a abertura ao diferente e ao desconhecido serão pedras de toque.

A alma, conceito que merece grande reflexão por parte da psicologia pois tem estado afastado da teorização na generalidade das perspetivações da psicologia, está sempre em cena neste emaranhado labiríntico de ser e de estar. A atitude correta será certamente a da humildade e a da tolerância, a da abertura a novos modelos e a ideias oriundas de fora do próprio campo de consciência e do que estabelecemos inicialmente como sendo certo ou errado. Com os outros aprendemos coisas verdadeiramente excepcionais e é a partir deste ponto de abertura e de entendimento que temos de nos posicionar sob o risco de nos julgarmos os reis do

mundo e de perdermos todo o nosso poder e sabedoria de nível mais profundo do que aquele a que se situa o conhecimento científico que tem por base a experimentação. Esta é a humildade dos sábios que se isolam nas montanhas para melhor escutarem o canto das aves e a voz de Deus, que questionam cada uma das suas certezas e que estão atentos às movimentações diárias de todas as forças do cosmos, contemplando as estrelas e escutando o som das cascatas, atentos ao mínimo ruído e a todas as presenças vibracionais no seu campo de consciência unificado e em expansão e retracção consoante as flutuações das energias maiores em que estamos integrados. Do todo somos parte minúscula, esse todo que se move e se escuta e que dança as danças de outras eras e em que todas as vozes são escutadas e perpetuadas e mais do que todas, essa voz imensa que é a voz do silêncio em nós. Omm, corpo sonoro do Absoluto, Shabda Brahman, som do universo que contem em si todas as reverberações da *Anima Mundi* que tudo contem e engloba e tudo adota como sendo seu e como sendo expressão do seu som interior e inconfundível.

É a partir desta paz que nos podemos entregar ao trabalho terapêutico na área do transpessoal, atentos a todas as perturbações e a todos os desafios que vão surgindo à medida que nos vamos adentrando pelo caminho, nessa floresta repleta de luz e de sombras em que estamos sempre sozinhos mas sempre acompanhados e em que a nossa voz interior é precisamente a mesma de todas as vozes de todos os homens mesmo das vozes caladas, silenciadas e em sofrimento. Chegando a essa matriz universal de alma, *anima mundi* em latim, “a alma do mundo” (originalmente formulada por Platão) podemos sentir-nos mais próximos do centro da Terra e das alturas maiores (*animus Dei*, a alma de Deus).

Poetas intemporais como Fernando Pessoa, Teixeira de Pascoais, Camões, Antero de Quental, Almada Negreiros,... para apenas nos cingirmos ao nosso panorama nacional escutaram esta voz, expressaram-na e reverberaram-na e por isso integraram a sabedoria universal na sua confluência com a tradição espiritual portuguesa sempre rica e fecunda em génios da arte e da escrita, de

musas inspiradoras e de tágides dos rios.

Esta alma nacional impulsiona-nos a ir mais além e a continuar os caminhos que outros iniciaram e que enriqueceram o património material e imaterial da humanidade, elevando-nos enquanto homens à condição sagrada de unir tudo o que aparentemente está desagregado ou que não é passível de tradução e unificação. Este é o nosso papel como terapeutas, artistas, poetas ou místicos e este algo que nos une, qual nó górdio invisível aos olhos dá-nos alento a prosseguir nas mais árduas empreitadas a que os homens podem dedicar as suas vidas e que são desconhecidas de tantos e por tantos ignoradas.

Sob a inspiração de uma mesma matriz energética, geográfica e espiritual, intuída mas invisível aos olhos (como poderá esta questão ser traduzida em linguagem científica?) a alma humana navega imperturbável ao nível dos acontecimentos e dos quotidianos das gentes, dirigindo-se a um destino há muito traçado mas em que tem lugar a todo o momento o livre arbítrio e os desígnios de cada ser, em resultado da confluência complexa do seu karma e do seu dharma, dos seus ensejos, aptidões e necessidades de aperfeiçoamento durante o tempo desta existência terrena.

Níveis energéticos subtis (o corpo energético subtil) estão sempre em interligação com planos superiores e o que se passa são trocas significativas de informação e de energia entre os vários planos e níveis, ora elevando-nos ora colocando-nos mais abaixo neste espectro de consciência e de elevação moral, ética, psicológica e espiritual.

E qual o papel do terapeuta transpessoal nesta miríade de situações e de consciencializações psicoenergéticas à escala mundial ou antes planetária? Qual o papel, a função e o desígnio de um só ser num universo de galáxias e de corpos inter-relacionados que se movem para além da lógica e das racionalizações de nível mental que não o de alargar o espectro da consciência e de direcionar alguma clarificação em relação a zonas do ser situadas nas sombras e desconhecidas do homem herdeiro do legado do renascimento que apenas procura a razão e a medicação, a quantificação e a pretensa cientificidade para além dos canones do humanismo

inseminado por homens como Petrarca, Goethe, Fausto ou Rimbaud?

O encontro entre as trevas e a luz, entre o esforço de gnose e o ascetismo do místico das montanhas dos Himalaias deve ser aplicado no recato de um gabinete psicoterapêutico em que o ouro da alquimia, o conhecimento das esferas e dos planos se deve cruzar com a amplitude da abertura do coração do tecelão da cura.

Falamos de mãos que tocam, que abrem canais, que pressentem acumulações negativas de energias, que geometrizam as almas, que destilam os fluídos e escarpelizam a miríade de possibilidades de transformar em ouro tudo o que tem perante si, o todo que tem perante si, reencontrando na oficina de um ser superior, de uma inteligência superior que tudo sabe e que tudo pode.

A verdadeira energia de cura, para além das técnicas diversas que são os instrumentos da prática psicoterapêutica, resulta da canalização energética através do próprio corpo, templo sagrado do curador que funciona como taça, *graal* de um poder cósmico e que pode canalizar essa mesma energia para um ser em sofrimento, compartimentado em que ainda se não operou essa magnífica confluência de vias, de canais e de formas de aproximação do Real que tornam o homem um ser sagrado, situado num plano mais alto e mais entrelaçado com os desígnios superiores.

O terapeuta é, pois, um canal de transmutação e de transfiguração em que o paciente pode finalmente retomar o melhor de si e reencontrar a alma perdida pelos labirintos da existência, fruto de paixões insaciáveis e de desejos nunca completos, ambiciosa dos poderes do mundo e dos pequenos desígnios dos homens que pouco mais trazem para além da perdição e do desnorreamento, da separação da unidade e da crença de que somos um ser só e refém das malhas de um destino indomável e pernicioso.

Enredados em doses e doses de substâncias dopamínicas que nos perturbam o normal funcionamento do corpo e da mente, tornamo-nos animais escravizados nas teias da indústria farmacêutica e de outras congêneres, de olhos postos nos lucros e nos ganhos fáceis, alheios ao real sofrimento humano e às suas causas naturais e não bioquímicas. O funcionamento

do homem tem causas naturais que se prendem com concentrações de líquidos e de humores, com estados de mente, com estados de ego, com flutuações de substâncias na corrente sanguínea que são alheias às injeções de produtos artificiais e de concentrados construídos pelos homens em fábricas e laboratórios.

Todas estas substâncias adormecem a nossa consciência e afastam-nos da claridade da nossa percepção interior que deve ser desembaciada e desentorpecida através de métodos que convoquem as origens, as memórias e as energias em confluência e que não sejam meros opacitadores da consciência e da reverberação do mundo em nós.

Ouçamos os ecos interiores, os sons do corpo, as vozes dos antigos, as memórias que nos ultrapassam e que se originam na noite dos tempos, os sons dos antepassados que pugnam para que as verdades que interessam não sejam esquecidas. Todo este conhecimento provém da escuta do nosso eu interior, do silenciamento, do afastamento dos objectos dos sentidos e só é possível numa mente pacificada, num nível de consciência alargada em que tudo se reflectirá com clareza como as copas das árvores na superfície de um lago cristalino.

Desembaciar a lente que nos impede de chegar à alma, que escuta o seu clamor pela alvorada dos novos tempos, ressuscitando um homem novo, fecundo, criador e único a partir dos resquícios do passado. Tal é a tarefa da psicologia transpessoal e dos homens e das mulheres que empreendem essa cruzada ambiciosa e interminável, ainda que eterna pois dirigida ao nó dos tempos e aos caminhos mais elevados do espírito.

Nesta escruzilhada delicada entre ciência e espiritualidade dos fios pelos quais se tece a acção vamos sempre mais além do ponto em que julgávamos possível chegar e somos tantas vezes nós os surpreendidos com o mistério da criação, da cura e da transformação iminente do ser humano num ser mais completo e alinhado, mais atento aos gritos das esferas, aos resquícios de outras existências ou a patrimónios mnésicos e gnósicos que pensávamos estarem irremediavelmente perdidos nas brumas dos tempos.

Depois de anos de treino, de formação, desenvolvidas que estão a perspicácia, a

atenção e a alquimia interior será então possível colher os frutos da colheita de todas as sementes diversas e maravilhosas que foram sendo plantadas com alguma aleatoriedade aparente mas que agora, quando colhidas em conjunto, se revelam em todo o seu esplendor, revelando uma verdade que está para além de todo o embaciamento e cegueira iniciais.

Munidos de todos estes instrumentos podemos sempre ir mais além e nesta cruzada não paramos de nos surpreender ou de surpreender aqueles que nos pedem ajuda porque há tanto de mistério quanto de mestria nesta senda de procura e de descoberta, de revelação de todas as formas de camuflagem da alma que os homens vão procurando em vão nas suas vidas incertas, fruto do medo, da provação, de tempos de menos claridade e da influência de massas com menos visão e clarividência.

Neste caminho da formação em psicoterapia transpessoal somos chamados a dar o melhor de nós e a colocarmo-nos com coragem, determinação, humildade e saber ao serviço de uma causa maior que ultrapassa inclusivamente os limites daquilo que entendíamos como sendo a nossa causa, algo mais nobre e superior se revela perante os nossos olhos, algo da ordem do maravilhamento, atitude beatífica com que podemos estar no mundo e contribuir para a sua evolução e transmutação.

Por que leis ou substâncias íntimas do ser, da mecânica dos nós e do corpo físico nos movemos? Tal nem sempre é inteligível pois o nível energético em que somos chamados a actuar está para além de qualquer tentativa de compreensão sistemática e é este abrir ao desconhecido que é o homem, como diria Haldane, que nos acalenta nesta senda infinda de procuras e achados, de curvas e contracurvas em que o sentido que as águas do rio tomam não é sempre o sentido inicialmente intuído pois contem-no, mas está para além dele.

Esse rio vai ter ao mar e o mar torna-se oceano e o oceano é, afinal, parte de um cosmos maior ele mesmo integrado em muitos e muitos cosmos até perder de vista mas em que estamos sempre munidos de bússula e de orientação superior que só nos abandona se duvidarmos do poder de tudo isto e das reais implicações de tudo isto na vida das pessoas e na sua possibilidade infinita de alcançarem estados mais elevados

de consciência e a tal beatitude que se descobre não ser afinal privilégio de um grupo de eleitos mas possível para todos os que, de facto, mais a desejam encontrar e a procuram incessantemente indiferentes aos obstáculos com que se vão deparando pelo caminho. Esses sim são provisórios e artificiais e independentes do mais íntimo do ser humano e da sua ligação com as fontes primordiais de plenitude e de bem estar, de equilíbrio e de renovação.

Não é, pois, de estranhar que o psicoterapeuta transpessoal seja alguém sensível aos efeitos da natureza sobre o indivíduo, da conexão entre os diferentes mundos e planos, entre a terra, a água, o ar, o fogo e o éter, às forças celestiais que estão ligadas à dança cósmica, ao doce flutuar dos planetas na matéria cósmica e nas partículas de vida que estão espalhadas por todo o universo e que apenas não correspondem à categoria artificial a que chamamos vida.

Pedras, água, plantas, seres dos vários mundos em diálogo atento, escutando para além das fronteiras que não são mais do que aparentes, numa dança sem fim, numa escuta silenciosa e transformadora a partir da qual a verdadeira natureza de todas as coisas pode finalmente ser revelada com naturalidade e com a magia que estamos preparados para entender e que vamos estando mais e mais preparados para entender. Na escala humana alguns seres vão desenvolvendo as suas capacidades de escuta e de recepção e conseguem transcender as limitações decorrentes da estreiteza de pensamento e de análise do real, de articulação com o real e de captação dos mundos suprasensíveis que sempre aqui estiveram mas para os quais temos estado de costas voltadas, qual homem na alegoria da caverna de Platão.

O esforço dos envolvidos é imenso e esse esforço é também o da própria psicoterapia enquanto *modus vivendi* pois os dogmas a destruir são tantos que a tarefa pode parecer herculeana aos corajosos que enveredam por estes caminhos. Muitos ainda estarão enredados nas teias de alguma ambição e reconhecimento no plano do social, do grupo de pares, da autoridade da academia e das expectativas dos seus congéneres, das instituições que regulamentam a prática da psicologia procurando afirmar uma credibilidade que desconcerta os que se regem por padrões de pensamento mais

racionais e por perspectivas mais clássicas e formatadoras que vêem o homem como encarcerado numa dimensão material e reducionista da verdadeira amplitude do homem e do seu carácter verdadeiramente ilimitado e cósmico. Homem partícula de um universo em autodescoberta e em dança de significados e significantes em que o real e o aparente nem sempre são correspondentes mas apenas dois termos de uma equação maior que inclui elementos dos quais nem sequer temos ainda possibilidade de consciência. Poderemos ir intuindo à medida que evoluímos como seres humanos suprasensíveis, mais norteados por algo maior e nunca antes contido nos anais do conhecimento através dos séculos.

A era é outra e estão reunidas as condições para irmos mais além, para além de tudo o que já experimentámos e que tivemos por certo, as áreas de exploração são infinitas e toda esta aventura humana já não tem a ver com descobrir que o sol é o centro do universo e que há mais mundos para além deste, que os átomos têm vida e regras próprias e se interligam segundo dinamismos especiais até agora desconhecidos mas que há caminhos cujo epicentro se situa no interior de cada homem.

Descoberta pelos caminhos da alma, rumo ao inconsciente colectivo e da espécie que contem em si tudo o que mais importa saber como intuíram os arquétipos de Jung ou a teoria de Planck que deu origem à teoria quântica como hoje a conhecemos chamando a nossa atenção para a diversidade dos corpos e partículas no universo. Ou como o Dalai Lama diz, o que há de mais misterioso contido na partícula mais ínfima de nós e que está para além de qualquer lupa até agora construída e cuja amplitude é tão ínfima que simetricamente proporcional ao infinito do espaço e da matéria da visão e da procura por caminhos outros, de nível mais baixo e menos atento. Seguem-se por vezes aspirações que não são as do bem comum, as do equilíbrio energético e anímico do planeta terra mas as que resultam do ego de cada um e dos seus desejos de algo maior. Isso mais não é do que nada de nada de nada e que os impede para sempre de seguir em frente face a descobertas maiores que se processam todas a partir do nível do coração e da infinita possibilidade de irradiação de amor e de compreensão, de empatia e de solidariedade

entre os povos do mundo e entre seres de natureza diversa que só podem não dialogar entre si se a limitação da nossa visão for dessa perspectiva impeditiva. Bactéria ou fungo, levedura, átomo, molécula, cadeia molecular, filamento em rotação designado DNA que contem em si toda a informação básica dos constituintes do universo vivo, linguagem universal enigmática, mas auxiliar de compreensões de ordem superior, eneagramas ilimitados de conhecimento a que aspiramos mas que antevemos com precaução pois o medo nos tolhe tantas vezes de ir mais além e de ser mal vistos, mal compreendidos ou mal perspectivados pelos que se julgam autoridade maior num campo em que ninguém tem de facto a chave para toda a compreensão. Apenas o ensejo de chegar a alguns dos elementos fundamentais. Esses são eles mesmos incompletos da compreensão maior de tudo e que é holística, integrada e integradora, unificadora.

Um conhecimento a longo prazo sem risco de contestação experimental e científica e que se alarga sempre que algo de novo se descobre que transmite e alquimiza o todo. Esta senda sem fim poderá inspirar-nos a ultrapassar todos os nossos limites como fizeram Helena Blavatsky ou Wassily Kandinsky². Procurando a hermenêutica do funcionamento das esferas, a gnose dos povos antigos, as descobertas dos químicos contemporâneos, a transmutação dos metais, a alquimia dos tempos modernos alicerçada nas bases do conhecimento hermenêutico e simbólico para além dos silogismos e das apreensões mais mecanicistas. Os voos dos astronautas a dimensões que estão para além do que terão sabido alguma vez traduzir por palavras pois nunca lá estivemos e nunca sentimos e nunca experimentámos. Como experimentadores estamos, de facto, longe dos laboratórios da alma e da destilação do ser, do sentir, do saber ser e do saber estar, da criatividade inspirada e inspiradora, das metas universais independentes do desejo dos homens ou de esquemas incomensuráveis dos tradutores da realidade encapsuladas por verdades científicas limitadoras e frustrantes que têm que ser transformadas e equacionadas sob o risco de

passarmos por aqui sem vermos muito do que realmente interessa.

Este papel de auxiliador de almas, de “guardador de rebanhos” de Alberto Caeiro, de transmutador de consciências encerra em si uma verdade tão bela e tão transformadora que será difícil que alguma vez tenhamos a coragem ou a ousadia de abandonar tal mister e de sermos funcionários de uma qualquer instituição pública ou privada que nos peça para procedermos segundo automatismos inventados que nos arredem dos caminhos de maior luz e verdade, de maior esclarecimento e clarificação consciencializadora da espécie humana. Mistérios insondáveis estes dos caminhos que nos levam à procura de labores tão trabalhosos e exigentes que se situam para além das forças que julgávamos ser as nossas, das nossas limitações e pequenas histórias pessoais povoadas de maiores ou menores dramas. Incentivam-nos nas descobertas de cousas deslumbrantes perante as quais os nossos olhos se estreitam mais e se adentram quais conspiradores de uma teia de fenómenos maiores e mais transcendentais de que somos talvez mero instrumento de libertação e de entendimento da espécie do que lhe subjaz e do que vai mais além e volta e recorrentemente circula, transformando-se, enovelando-se, emaranhando-se para tão só, em seguida, se deslindar com a simplicidade com que a linha cose o pano e com que o fio de ouro tudo embeleza e surpreende pelo seu brilho e pelo seu fulgor.

Artífices da descoberta das almas assim prosseguimos neste barco rumo a futuro incerto pois é nas águas beatificamente estagnadas do presente, deste aqui e agora singular e único que lançamos âncora. Aqui ousamos contemplar tudo o que nos rodeia e a nossa própria face reflectida qual essência procurada e jamais possível de estabilizar quando o movimento, a trepidação e o almejar são excessivos e ruidosos. Parados nestas águas do ser vamos até ao nascimento e a todos os que vieram antes deste mais próximo, até à morte anterior e a todas as que a precederam ou que se lhe sucederão. O medo e a inquietação poderão turvar-nos o rosto, inibir a expressão, confundir mas está tudo lá escrito nessa superfície do lago-consciência com uma tal claridade que se situa para além dos tempos

² Procura de tradução do espiritual na arte patente em “Do espiritual na arte” e “Almanaque do Cavaleiro Azul”.

e de que não devemos ousar duvidar do que mais dúvidas não pode levantar.

Emersos na contemplação do esplendor do milagre da descoberta e da auto-descoberta seguimos navegantes desta viagem sem rumo com destino mais e mais dentro de nós, nos confins do ser a que só chegam os mais ousados e intrépidos navegadores.

Conhecendo-nos, conhecemos o outro em nós e todos os outros e aqueles que até nós chegam em busca de orientação ou de salvação. Apenas poderemos ajudar a salvarem-se das tiranias desse ego imenso e monstruoso que tolhe os caminhos da luz e da libertação, a libertarem-se das amarras desse eu imenso e controlador, dominador e temerário que quer que sejamos todos iguais e igualmente limitantes e limitadores, cegos a todas as formas de luz e de autoexploração, de descobrimento das paisagens interiores e dos mais belos labirintos por terras encantadas que nem ousávamos antes imaginar.

E assim vamos caminhando, partimos, voltamos, explorando sem limites, com a mente aberta, o coração escorrendo esse líquido quente e morno a que chamaram amor e que é mais doce e mais quente do que o amor como por vezes o concebemos por ser infinito e universal e contendo todas as potencialidades alquímicas que podem estar contidas num só ser e em todos os seres e no universo inteiro.

Transmutados exploramos os confins desse universo interior, trazendo todas as lanternas da consciência, as bússulas da orientação, as amarras do norteamento, os mapas da orientação sempre prontos e dispostos a abandonar tudo isso face à revelação do primeiro dos grandes mistérios, o da autodescoberta profunda e reveladora dos mistérios maiores da criação.

Um rol de personagens das histórias de cada um entram em cena e são convocadas a dialogar e a falar das suas verdades e intenções, fragilidades e bens maiores mas o interlocutor é sempre o ser que está à nossa frente e que nos escuta e que escutamos com comprometida atitude terapêutica de quem nada critica, nada julga, nada limita, nada prende, nada contém mas que tudo permite extravasar, libertar, transmutar.

Convocam-se todas as energias tolhidas do passado e as essências que ficaram esquecidas no que poderia ter sido um

destino maior daquele ser mas que ainda está a tempo de se revelar, de se concretizar, de receber corpo. O corpo que está ante nós é um corpo adormecido que contém todos os segredos do universo e que tem estado calado, conformado, estanque à espera deste preciso momento em que é chamado a contar tudo aquilo que sempre soube, os choros do bebê, as ansiedades e os medos da criança, os estremecimentos do adolescente, a violência dos outros sobre ele, os encarceramentos e as tensões que foi guardando por não poderem nos diferentes momentos irem sendo expressas com liberdade e com a amplitude e a frequência necessárias e desejáveis.

O corpo contém tudo isso e mensagens de renovação possíveis que cumpre escutar, transmitir e deixar acontecer perante os olhos de todos os que vêm, dos que assistem, dos que se fazem presentes e que assim consagram o milagre da descoberta e da transmutação.

Verdadeiros laboratórios de alma podem ser estes espaços de escuta e de amor, estas gotas de encontro de seres num mundo em que os desencontros são a regra e que o encontro parece ser mais um acaso do que algo regular e libertador. Interlocutores de um plano maior e mais vasto estes são os homens e as mulheres que conseguiram cumprir planos mais altos, ouvindo-se, escutando-se, dando voz às suas falas internas, descobrindo tudo o que mais importa e consubstanciando a lógica das esferas mais altas.

Não se pode saber se se trata de uma profissão ou de um devir, de uma actividade ou de uma forma de estar e de ser em que nos nutrimos e insuflamos ar para a expansão das reentrâncias mais camufladas e mais escondidas e mais carcomidas do ser que não se desenvolveram em pleno, do Ser que não se expressou em toda a sua amplitude, em toda a sua energia e poder e que assim sendo não foi de acordo com tudo o magnífico e grandioso que poderia ter sido.

Tudo isto é tão transformador que após este encontro, ninguém é o mesmo, nem o que pede nem o que dá ajuda como se mais um marco fosse cumprido numa etapa de devir incessante. O ser transformado pode tornar-se ele mesmo agente de transformação e de libertação numa cadeia de encontros, de nutrições e de desenvolvimentos que estão para além do

limite que podemos conceber podendo formar uma cadeia de transformação à escala humana de tal dimensão que o mundo não será o mesmo depois de toda esta sucessão de encontros e de transformações, de ajudas e de descobertas, de reparações de alma através de remendos delicados com tecidos cuja matéria é tão fina e delicada que poderíamos chorar embevecidos, intensamente transtornados só de os contemplar.

Este é o tecido de que se faz o aconchego, com que se diz a alguém: “Chegaste aqui e aqui é o ponto em que te esperava e a partir de agora nada mais será igual pois estou aqui contigo e isso não é uma coisa menor, isso é tudo o que importa. Estar aqui para ti neste barco e chegar contigo à outra margem em que entenderás que nada do que julgavas importante importa e que tudo o que procuras já te encontrou e que os caminhos são estes fios de ouro em que nos enlaçamos em estados de alma que nos elevam e que nos fazem Unos. Bem-vindo, caminhante, a este terreno que é transcendente, transpessoal, além de, para além de ti, de mim e de nós, para além de tudo o que julgávamos possível e de tudo o que imaginamos mesmo nos nossos sonhos mais altos. Bom teres chegado e pouco importa o nome do que faço desde que o faça contigo e para ti, desde que estejamos juntos nesta tarefa de descoberta que é o ponto a partir do qual nada será como era antes e em que todas as possibilidades se abrirão perante ti. Este é o mundo que está aqui para ti, para o descobrires em toda a sua plenitude. O mundo que clama por ti e que te esperava e em que podes tirar todas as máscaras e silenciar esse teu ego indomável e limitador coprador de condutas alheias que não são as tuas porque, caminhante, tu és um ser tão único e tão belo que nem sei se perante um espelho poderás reconhecer toda essa tua beleza infinita! Assim vem e dá-me as tuas mãos e juntos poderemos percorrer todos estes caminhos de sombras descobrindo que por trás das sombras apenas se encobrem luzes maiores, mais vastas e mais intensas e que deverás estar preparado para enfrentar tais luzes de coração aberto e mente desperta. O ritmo a que tudo te irá sendo revelado dependerá do teu mérito em aprender e em restabelecer o equilíbrio que existia antes de chegares a esta vida. Prepara-te, pois, para ver a luz do

sol e para sustentar nela o olhar, o sol, essa matriz, esse pai orientador que te nutre e te possibilita a vida, a existência e o desabrochar. Bem-vindo caminhante, a estas terras de autodescoberta de luzes maiores”.

Muito há a fazer para chegarmos a um nível de conhecimento próximo do que já tivemos no passado mas que as racionalidades leigas foram obstruindo, afastando-nos dos trilhos do que verdadeiramente interessa compreender, amar e procurar numa senda de verdade e de luz que afaste os homens destes tempos de ignorância e de sombra em que nada do que é julgado importante e a que se dedica o esforço de uma vida merece a nossa energia e dedicação.

O conhecimento sobre as energias no corpo humano era já avançado na antiguidade, nos gregos, na filosofia hunduista, no vedanta, no budismo mahayana e em todas as formulações dos sutras e dos vedas, dos ashi e do irão pérsico. Esse conhecimento circulava entre continentes apesar de não conhecermos as vias de comunicação de que hoje dispomos, de formas para além do nosso entendimento, por percepção extrassensorial e comunicação assíncrona de mentes em equilíbrio e em conexão vibracional que, ao expandirem-se, expandiam toda a gnose de um dado grupo ou egrégora, elevando o conhecimento sagrado do mundo. Estas questões são de difícil entendimento hoje mas se virmos, por exemplo, o trabalho de Rupert Sheldrake sobre os campos morfogenéticos de consciência poderemos, por exemplo, entender como a informação se transmite entre seres geograficamente separados.

O racionalismo que se seguiu à Idade Média e todas as tentativas de esquecimento colectivo e de apagamento da sabedoria antiga foram frutuosas e os homens das luzes mergulharam num estado de cegueira em relação às verdades do alto, às filosofias antigas e dos povos ancestrais. O que foi etiquetado de perigoso e próximo do animal era o que, de facto, nos poderia enaltecer e distinguir enquanto espécie. Os caminhos do progresso revelaram ser antes caminhos de retrocesso e de apagamento mnésico de património invulgarmente rico dos mais antigos e dos construtores do mundo e do saber. Legados de civilizações inteiras foram apagados em nome da cientificidade e o

medo do desconhecido tem grassado a humanidade que se protege em fórmulas e esquemas racionalizadores e apagadores da consciência maior que todos temos em nós em estado embrionário que apenas espera uma oportunidade para poder ser tornada consciente.

O que dizer deste estado das coisas? O que fazer? Como mudar mentalidades que demoraram séculos a ser forjadas e obscurecidas nos meandros da pretensa científicidade e racionalidade, da mensuração e da pretensa gnose? A verdadeira ciência psicológica não pode mais ignorar dimensões mais profundas e transpessoais do homem.

Este é o desafio dos nossos tempos colocado ao homem comum que aspira a chegar mais perto de um entendimento superior das coisas, que se posiciona como um elemento aberto ao entendimento macro do todo que o envolve e que o transforma. Como colocarmo-nos ao serviço de tudo isto? Como estarmos despertos para o que nos cerca e nos transcende? Como seguir as pegadas dos pioneiros da psicoterapia transpessoal que não se assustaram pelos limites de exploração impostos pela ciência e que ousaram penetrar em territórios inexplorados em que se situam as maiores e mais fecundas descobertas e em que a cegueira humana não chega de forma alguma se não pelo caminho da intuição e da abertura total dos centros energéticos em alinhamento e renovação. Recebendo a energia do cosmos e emanando na medida do possível à escala humana para outros homens abertos a essa mesma vibração e que com ela entrem em ressonância e reverberação sintónica por leis que estão para além das até agora descobertas pela física quântica mas que esta permite antever com alguma maior precisão do que nunca antes.

Pelo caminho do meio o terapeuta transpessoal está aberto à utilização de todas as ferramentas que lhe são dadas pela técnica e pela ciência mas está de olhos postos na outra margem, atento ao voo significativo de qualquer pássaro no espaço amplificado da mente, atento às reverberações e aos ecos sem nunca descurar o seu próprio equilíbrio e o necessário realinhamento energético e espiritual que o caminho vai requerendo aos obreiros desta obra maior.

Este não é um trabalho ou uma missão de um só indivíduo mas de uma comunidade de seres entrelaçados e empenhados na construção de um bem maior e comum que contribua para uma verdadeira ascensão da humanidade a um nível superior de consciência, a uma consciência global que está para além das especificidades de cada um, na senda de visões de homens como Gandhi, Martin Luther King ou Krishnamurti, de Sri Tathata ou de Vivekananda, de Cristo ou de Maomé.

Um trabalho de grande envergadura mas que requer uma sensibilidade a nível quase que molecular, a um nível micro de entendimento do funcionamento do microcosmos e das suas ligações com os vários elementos do cosmos em que o homem se integra e com o qual se relaciona por uma multiplicidade de níveis e de corpos descritos por autores como Ken Wilber e por outros holistas que beberam a sua inspiração em textos muito antigos, alguns dos quais proibidos e escondidos do ocidente por milénios.

O corpo físico é um receptáculo de tudo isto, um enquadramento físico de um ser cuja existência e valor ultrapassam os limites do visível e do comumente considerado como corpóreo. Invólucro, caixa, sarcófago de uma alma, este corpo tem que ser chamado a intervir no processo terapêutico, convocado, tocado, convocado a falar e a revelar o que contém, as memórias e as aspirações, os bloqueios e as libertações possíveis da prisão. A alma encarcerada até então pode expressar-se no seu canto único, nota fundamental para uma completa compreensão da beleza do mundo e das múltiplas possibilidades de interligação e influência de outros seres com que se vai cruzando no caminho. Johnson (2015:489): "With this easing of the boundaries between flesh, cells, and higher states of consciousness, the therapeutic task of gaining some purchase over the sorrows of everyday life is rendered less problematic".

A voz liberta todas as tensões e agrilhoamentos e convoca a presença do eu superior que só se manifesta quando as condições à sua manifestação estão presentes e confluem para esse ponto de emanência e manifestação. Gotícula divina em ebulição e transmutação, gota de um oceano que é a humanidade perdida na sua cegueira sem fim e no rio do sofrimento

crescente e implacável, ensurdecidor de todos os sons interiores. O homem liberto é o que se manifesta agora perante o terapeuta, ele próprio mais e mais liberto das suas próprias limitações e incredulidades momentâneas perante a maya (ilusão) do desenrolar das coisas, pelo entretecer dos fenómenos, pelo avistamento de cidades maravilhosas a que só tinha acesso nas suas fantasias de criança, antes do atordoamento colectivo e da cegueira das massas.

Este é o campo de trabalho do sagrado a que o leigo empenhado tem acesso no seu dia a dia em resultado do seu envolvimento e da sua luta em prol de um maior bem-estar e de uma pacificação global. Este é o prémio do labor de anos e do empenho de vidas. O encontro com o paciente renascido é o encontro com o seu eu mais profundo, mais ancestral que em nada se distingue do próprio eu profundo do paciente que assim se afasta do peso das sombras e das expectativas de fracasso deste empreendimento ambicioso que é o da alma humana à procura da sua expressão no tempo-espaço de uma existência na terra antes de regressar ao espaço sagrado em que pacientes e terapeutas são gotas de um mesmo rio que corre para uma luz progressivamente maior. Nesse espaço o Uno reina sem distinções, ambições ou limitações corporais ou outras. Regressar a este estado unitivo de osmose, de partilha, de uníssono, de harmonia das esferas é o desejo de ambos os envolvidos no processo terapêutico que através da relação estabelecida em contexto de consultório se aproxima dessa unidade entre seres que é o desígnio da evolução do cosmos.

É entre mundos e planos de consciência que se tece esta empreitada do coração e da alma em que o conhecimento se transmuta em sabedoria quando são tocadas as áreas, facetas verdadeiramente únicas do diamante que cada um transporta no peito. Lapidando, clarificando, sintonizado, dialogando tornamo-nos pouco a pouco mais inteiros, mais próximos da fonte e dos desígnios da nossa existência aparentemente precária e desnordeada, avulsa e incompleta.

Esta inspiração que é o próprio caminho terapêutico está muitas vezes para além da nossa própria consciência mas ilumina-nos nos passos que devem ir sendo dados, nos caminhos a escolher ou a evitar e nas pessoas que vamos escolhendo para nos

acompanhar nesta jornada de vida. Mais do que uma profissão, a psicoterapia transpessoal, tal como outros estados de alma e de expressão de nível espiritual elevado, afastam-nos do ego, dos desertos da existência, das vitimizações e das lamúrias, fazendo-nos perseguir caminhos de muita luz e de muita descoberta profícua, fecundando e espalhando sementes nos caminhos dos nossos pares, de quem nos ensina e de quem conosco aprende. Tornamo-nos mais conscientes de que os humanos são uma rede de interconexões com o ambiente – ar, comida, bactérias, células, os olhares e toques dos outros, em que segundo Johnson (2015: 489) encontramos um núcleo de agência, o “I can” de Edmund Husserl (Behnke, 2003). Maurice Merleau-Ponty formulou esta interconexão como “intercorporalidade”, que substituiria a mais abstracta “intersubjetividade”. Enfatizou a nossa inserção congénita na rede de relações que constitui o Real (Merleau-Ponty, 1968).

No caminho não existe uma verdadeira hierarquia mas antes um caminho de mãos dadas em que o que cada um realiza é o que todos realizamos em conjunto e em que as conquistas de uns são partilhadas e tornadas as conquistas de outros. O produto das conquistas não tem realmente consequências exclusivas para o bem individual mas para um bem superior de natureza colectiva e que contém em si o poder transformador à escala global e universal. Estas conquistas podem parecer ser pequenas mas são grandes e amplas e transformam os níveis de consciência planetária, contribuindo para um maior bem-estar a uma escala mais ampla do que poderemos supor, diminuindo os níveis de frustração e de ódio disseminados por vários pontos do globo em resultado de evoluções individuais tornadas colectivas dos que se encontram em caminhos de menos luz e de menor preocupação com o bem comum.

O terapeuta é um verdadeiro artífice de um mundo novo e de uma consciência renovada, atento a tudo e a todos, às diversas dificuldades que se fazem sentir um pouco por todo o globo nas mais diversas dimensões sejam as ecológicas, as materiais, as de género, as espirituais, as mediáticas, as cosmológicas, as religiosas, as científicas, as económicas, actuando em

níveis diversos e de interrelação circunstancial ou global.

A tarefa é árdua e é tanto mais árdua quanto mais aspiramos à transformação a níveis mais elevados, à elevação espiritual de todos os seres, quanto mais reconhecemos a amplitude da nossa intervenção e as reais possibilidades de transformação das mentalidades que estão ao nosso alcance seja através da ajuda em consultório, da escrita de obras transformadoras e inovadoras que lancem luz sobre a escuridão, seja através de acções concertadas e em rede envolvendo vários intervenientes localizados noutros pontos do globo. Nada neste trabalho está ligado a aspiração e ganância individual mas ao despertar de uma consciência planetária que tem estado encoberta por tantos séculos de guerras, de genocídio, de humilhação de gentes, de afirmação de superioridades em nome da raça, do género, da idade ou do estatuto social e de outros critérios que são conhecidos dos homens mas desconhecidos dos deuses que se pautam por outro tipo de demandas e de realizações.

É em prol desta maior unidade planetária que todos os artífices do bem se devem unir e dar voz ao que de melhor têm em si, pouco preocupados com designios outros que não o bem-estar da humanidade e de cada ser humano em particular, de cada animal e de cada planta, de cada mineral e de cada objecto do mundo animado e inanimado que se interligam de formas que até hoje ainda não foram compreendidas mas que poderão vir a ser num espaço de poucos anos se a consciência ascender a níveis mais e mais elevados. E se a fusão de tudo e de todos puder ser apreendida pelos navegantes desta nave espacial desta galáxia perdida entre tantas e tantas outras galáxias componentes de um todo sem fim, navegantes desse mar infinito que se situa para além da nossa possibilidade de concepção do infinito.

Em termos teóricos e conceptuais o trabalho a fazer é também infinito pois desde a separação da matéria e da energia e da visão dual do mundo e das coisas, as principais consciencializações ficaram afastadas da nossa apreensão e julgamos saber e poder quantificar e conhecer coisas que nada traduzem sobre a realidade e sobre o todo. E assim ficamos incrédulos perante tanta diversidade e beleza, emersos em

paradigmas ultrapassados e em sistematizações pouco fecundas segundo as quais uma coisa é o mundo físico, dos objectos e da matéria e outro o mundo espiritual e outro o energético quando no fundo, todos são um só e não só a matéria é também manifestação de energia como a energia é manifestação de vibração que resulta por sua vez das reverberações através do espaço e do tempo de um som único e original que tudo contem. As dores dos outros são as nossas dores e as dores que nos encontram são as que urge escutar e compreender em nós. Segundo esta perspectiva não existe um curador e um curado mas uma díade de seres que se entrecruzam e crescem juntos um pouco graças à abertura que os dois se permitem num contexto terapêutico, de ajuda e de abertura espiritual e em que através de espelhos e reflexos a visão de cada um se apura até um nível verdadeiramente transformador, constituindo mais um passo no caminho da descoberta da essência humana que os próprios alquimistas procuram há tantos anos nos processos de progressiva depuração.

O ouro da consciência e da pureza de intenções emana na sala de terapia onde desce uma energia maior de compreensão e intuição e é possível ascender a outros níveis de entendimento da aventura humana e do empreendimento de cada alma avulsa que luta na sua aspiração ao todo e à unidade.

Como traduzir estes processos se não experimentando-os? Fragmentos que somos, seres isolados, limitados, aproximamo-nos da tão almejada unidade. Para além das paredes do consultório há todo um mundo de sensações e de intuições a descobrir, um mundo mágico povoado de descobertas fantásticas que não nos era possível almejar a partir da estreiteza da nossa mente e da nossa consciência de seres isolados e abandonados nesta aventura inóspita da espécie humana pelos territórios do desconhecido.

O que fazer, então, depois de despertados?

Certamente despertar outros, mais e mais, mais e mais, sem limites para a acção pois os limites estão apenas onde os pretendemos colocar. Em última instância, os limites não existem. São uma construção da mente obscurecedora da mais nobre das verdades, da Verdade que se situa para além de todas as verdades de nível inferior ligadas

a diferentes aproximações epistemológicas ou espirituais que mesmo no estado de maior plenitude são limitadas enquanto aproximações humanas ainda que inspiradas pelos planos superiores. A moksha hindu que serve de inspiração a tantos povos dessas paragens e que afecta comportamentos das massas mais iluminadas aproximando-os de estados de maior pacificação do desejo e contemplativos de ordem superior, permitindo a chegada a visões mais abrangentes do rumor dos dias. Nirvana da cultura budista japonesa, estado superior de identificação com o cosmos e de aproximação fusional do logos superior, para além de tudo o julgado efêmero e inconsequente. Ascese mística cristã conhecida através dos relatos de tantos místicos cristãos que através das suas práticas, rituais e meditações se aproximaram desse ideal salvífico cristão enunciado pelos antigos nos testamentos e consubstanciado nas vidas de apóstolos e de outros grandes crentes da história da humanidade que deixaram os seus testemunhos de vidas para além do comum dos mortais tocando reinos de espiritualização intensa e sublime que marcam a fronteira em relação ao dito mundo dos vivos e que lançam o homem numa aventura cósmica de unidade e fusão unitiva para além do passível de apreender pela mente humana desligada dos sentidos interiores mais evoluídos e também mais desconhecidos do intelecto humano.

O Tao, esse céu maior, o maior dos sete céus da tradição chinesa em que a amplitude da visão é tão vasta que inacessível aos pobres de espírito, incontido por categorias ou tentativas de apreensão e resultante de experiência mística ao mais alto nível, a que se chega percorrendo os degraus das sete escadas³ em convulsão permanente mas que implica que as sete escadas sejam lançadas fora sob o risco de haver regressão a estados menos avançados em que o mundo dos objectos ainda exerce atracção excessiva e prejudicial ao caminho maior da beatitude anímica e alquímica.

Atentos à tradição de Samos de Epicuro, sábio da antiguidade, grego de nacionalidade

mas cidadão dos universos paralelos, caminhante pelos territórios da geometria da alma, procurando um centro, o centro de tudo, o lugar sem influências das limitações exteriores, ponto de confluência de todos os rios e meridianos ecludianos, em que o artífice maior pode trabalhar sem limitações nem impedimentos, consubstanciando o trabalho maior e cosendo com as linhas certas os destinos de tudo o que é e de tudo aquilo que não é e se pode ainda tornar, num devir sem epicentro e em que os centros se desdobram em pregas intermináveis de partículas, sons, energia e devir. O centro do centro do centro, ponto infinito e ínfimo e que é o todo e que é o nada e tudo o que possa entre eles existir. Desígnio ígneo este bordado a fio de ouro a que almejamos mas em relação ao qual por vezes vamos fracassando pois não estamos ainda preparados para todas as tarefas que nos vão sendo dadas e que estão para além das limitações humanas a que o próprio universo poderoso por vezes não terá a consciência total pois apesar de nós sermos ele e dele sermos nós as nossas imperfeições raiam o trágico e o cómico e nesta dualidade de mundos em que ousamos dançar por vezes aproximamo-nos mais de essências mais primárias e ditas mais animais do que do sublime da grandeza do espírito que interiorizamos pouco, a que aspiramos muito mas de que nos distanciamos ao menor passo em falso.

Cautela pois é exigida aos caminhantes deste xadrez galáctico em que as peças movidas têm sempre implicações a vários níveis e em universos sensíveis a que estamos ligados por matrizes de relações muito diversas daquelas de que nos apercebemos. Não podemos, no entanto, ao jogar os dados pretender ser deuses ou jogadores mas remetermo-nos ao divino em nós, sagrado e profano, humano e animal, pequeno e grande, limitado e limitador mas potencialmente gerador de Verdade e Grandeza cósmica e potencial transformador das consciências já em gestação para as eras que virão. Enfrentarão desafios outros que aqueles com que agora estamos confrontados e que são eras de trevas e de ignorância, de insensatez e de procura gananciosa de conquistas que jamais poderão satisfazer as nossas ambições ilimitadas e limitadoras de toda a espécie de evolução da espécie. Que haja homens e

³ A nossa filosofia ensina-nos que assim como há sete forças fundamentais na natureza e sete planos de existência, há também sete estados de consciência nos quais o homem pode viver, pensar, lembrar-se e ter o seu ser." Blavatsky, "A chave para a Teosofia".

mulheres capazes dos desígnios instaurados e das determinações maiores da alma humana envolvendo-se em projectos que, por vezes, parecerão do domínio da fantasia aos olhos dos mais ignorantes mas que são verdadeiras quimeras herculeanas a que só a força do espírito tem possibilidde de conduzir a bom porto. Nesta empreitada é fundamental que estejamos a trabalhar juntos em planos articulados com desígnios superiores e impulsionadores de toda a acção, afastando-nos da nossa condição de formigas humanas em labuta cega e aproximando-nos do estado de deuses em devir e transmutação de forças maiores e mais escuras em algo verdadeiramente claro, límpido, transparente que são as águas do espírito filtradas que estão as estranhas limitações do ego e da consciência não alargada e próxima do material e do terreno, ignorando as nuvens e o celestial, as esferas mais altas e as vozes dos anjos qualquer que seja a forma sob a qual se possam connosco cruzar.

Que haja em nós a força para tudo isto ver, para tudo isto intuir e para a tudo isto dar corpo e alma. Como escrevem Anderson & Braud (2015: 255) “the numinous way always eclipse human understanding. Therefore, may a spirit of generosity and humility abound in transpersonal research efforts. Allow that human and global consciousness may be changing in ways that cannot be known”.

REFERÊNCIAS

- Anderson, R. & Braud, W. (2015). Transpersonal research and future directions. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 241-260). West Sussex: Wiley Blackwell.
- Assagioli, R. (1965). *Psychosynthesis. A manual of principles and techniques*, Londres: Turnstone Books.
- Aurobindo, S. (1990). *The synthesis of yoga*. Pondicherry: Sri Aurobindo Ashram (trabalho original publicado em 1939-1940).
- Bateson, G. (1979). *Mind and nature: A necessary unity (Advances in systems theory, complexity and the social sciences)*, Nova Iorque, NY: Hampton Press.
- Behnke, E. (n.d.). *Null body, protean body, potent body, neutral body, wild body*. (Disponível do autor sppb@openaccess.org).
- Berry, T. (1996, abril 9). *Ethics and ecology*. Paper apresentado no Harvard Seminar on Environmental Values.
- Boucoulalas, M. (1999). Following the movement: from transpersonal psychology to a multidisciplinary transpersonal orientation. *Journal of Transpersonal Psychology*, 31 (1): 27-39.
- Braud, W. (2003). *Distant mental influence: Its contributions to science, healing, and human interactions*. Charlottesville, VA: Hampton Roads.
- Combs, A. (1995). *The radiance of being*. Edimburgo, Escócia: Floris.
- Daniels, Michael (2005). Traditional roots, History, and evolution of the transpersonal perspective. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 23-43). West Sussex: Wiley Blackwell.
- Friedman, H. (1981). The construction and validation of a transpersonal measure of self-concept: The self-expansiveness level form. *Dissertation Abstract International*, 42 (02), 0079B (UMI#8117150).
- Friedman, H. (1983). The self expansiveness level form: A conceptualization and measurement of a transpersonal construct. *Journal of Transpersonal Psychology*, 15 (1): 37-50.
- Friedman, H. (2002). Transpersonal psychology as a scientific field. *International Journal of Transpersonal Studies*, 21: 175-187.
- Gebser, J. (1972). *Foundations of theaperspectival world. Main Currents*, 29, 2.
- Gebser, J. (1986). *The ever-present origin* (In Barstad & A. Mikunas, Trans.). Atenas, OH:

Ohio University Press (Trabalho original publicado em 1949).

Gendlin, E. (1997). *Experiencing and the Creation of Meaning: A Philosophical and Psychological Approach to the Subjective (Studies in Phenomenology and Existential Philosophy)*, Chicago: Northwestern University Press.

Grof, S. (1998). *The cosmic game: Explorations of the frontiers of human consciousness*. Albany, NY: State University of New York Press.

Grof, S. (2003). Implications of modern consciousness research for psychology: Holotropic experiences and their healing and heuristic potential: *The Humanistic Psychologist*, 31 (2-3): 50-85.

Grof, S. (2015). Revision and re-enchantment of Psychology. Legacy from Half a Century of consciousness research. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 91-120). West Sussex: Wiley Blackwell.

Hartelius, G., Rothe, G. & Roy, P. (2015). A brand from the burning: Defining transpersonal psychology. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 3-22). West Sussex: Wiley Blackwell.

Hartelius, G.; Caplan, M & Rardin, M. (2007). Transpersonal psychology: Defining the past, divining the future. *The Humanistic Psychologist*, 35 (2): 1-26.

Johnson, D. (2015). Transpersonal dimensions of somatic therapies. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 480-491). West Sussex: Wiley Blackwell.

Jourard, S. (1966). An exploratory study of body accessibility. *British Journal of Social and Clinical Psychology*, 5, 221-131. Kneidinger, L. M., Maple, T. L., Tros.

Jung, C. (1939). *The integration of the personality*. Oxford, UK: Farrar & Rinehart.

Jung, C. (1969). *The collected works of C.G. Jung* (vol.9, Part 1, The archetypes and the collective unconscious, 2nd ed.). Princeton, NJ: Princeton University Press.

Maslow, A. (1943). A theory of human motivation. *Psychological Review*, 50 (4): 370-396.

Maslow, A. (1964). *Further notes on the Psychology of Being*, *Journal of Humanistic Psychology*, 4 (1): 45-58.

Maslow, A. H. (1958). *Toward a psychology of being* (2nd ed). New York, NY: Van Nostrand Reinhold.

Maturana, H. & Varela, F. (1980). Autopoiesis and cognition: The realization of the living. In R.S. Cohen & M.W. Wartofsky (Eds.). *Boston studies in the philosophy of science*, (Vol. 42). Dordrecht, The Netherlands: D. Reidel.

Merleau-Ponty, M. (1968). The visible and the invisible (A. Lingis, Trad.). Londres: Routledge & Keegan Paul (trabalho original publicado em 1945).

Neville, B. (2007). What kind of universe? Rogers, Whitehead and transformative process. *Person-Centered & Experiential Therapies*, 6 (4): 271-285.

Palmer, G. & Hastings, A. (2015). Exploring the nature of exceptional human experiences: Recognizing, understanding and appreciating EHEs. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 333-351). West Sussex: Wiley Blackwell.

Rodrigues, V. & Friedman, H. (2015). Transpersonal psychotherapies. In H. Friedman & G. Hartelius. *Transpersonal Psychology* (pp. 580-596). West Sussex: Wiley Blackwell.

Rogers, C. (1963). *Actualizing tendency in relation to "motives" and to consciousness*. Lincoln, NB: University of Nebraska Press.

Rogers, C. (1978). The formative tendency. *Journal of Humanistic Psychology*, 3 (2): 72-92.

Rogers, C. (1980). *The way of being*. Nova lorque: Houghton-Mifflin.

Schuon, F. (1984). *The transcendent unity of religions*. Wheaton: Theosophical Publishing House (trabalho original publicado em 1953).

Taylor, S. (2017). *The leap. The psychology of spiritual wakening*. Londres: Hay House.

Vaughan, F. (1982). Transpersonal psychotherapy: context, content, and process. *Journal of Transpersonal Psychology*, 14 (1): 37-45.

Walach, H. (2009). Spirituality: the legacy of parapsychology. *Archive for the Psychology of Religion*, 31: 277-308.

Washburn, M. (1995). *The ego and the dynamic ground: A transpersonal theory of human development* (2nd ed., Rev.). Albany, NY: State University of New York Press.

White, R. (1993). Working classification of EHEs. Exceptional Human experience:

Background Papers, 11 (2): 149-150.

Whitehead, A. (1979). *Process and reality: an essay on cosmology* (corrected ed.; D.R. Griffin & D.W. Sherburne, Eds.). Nova Iorque, NY: Free Press.

Wilber, K. (1979). A development view of consciousness. *Journal of Transpersonal Psychology*, 11 (1): 1-21.

Wilber, K. (1995). *Sex, ecology, spirituality: The spirit of evolution*. Boston, MA: Shambhala.

Artigo recebido em 20/11/2018
Aceito em 06/03/2019

